

PÁGINA:
Notícia sobre Adolpho Caminha.
Bibliografia de Adolpho Caminha.
— *Síndese sobre Adolpho Caminha*, de Azeiteiro Junior.
PÁGINAS 210, 211 e 212:
— Dois capítulos de *A Normalista* de Adolpho Caminha.
— Página de rosto de *No País dos Pauzinhos*, livro de Adolpho Caminha.
— *Parasquiza do Ceará*, de Adolpho Caminha.
— *O romance como gênero literário*, de Adolpho Caminha.
— *A casa de Zuzu*, de Adolpho Caminha.
Presidente da Província, Adolpho Caminha.
PÁGINA 213:
— *Adolpho Caminha*, estudo de Frota Pessoa.
— *A vida do guarda-livros*, de Adolpho Caminha.
PÁGINAS 214 e 215:
— *Em defesa própria*, Carta a "Carta de Notícias", de Adolpho Caminha.
— *Podendo e sabendo*, de Adolpho Caminha.
— *A literatura brasileira*, de Adolpho Caminha.
— *Cruzador*, Almirante Barroso (desenho que serve de ilustração ao livro *No País dos Pauzinhos*, de Adolpho Caminha).
PÁGINA 216:
— *A mãe de um guerreiro*, de Adolpho Caminha.
— *O enjoo de Adolpho Caminha*. (Trecho de estudo) de Valdemar Cavalcanti.
PÁGINA 217:
— *Um casamento na rua do Telho*, de Adolpho Caminha.
— Entrada de Nova Orleans (desenho que serve de ilustração ao *No País dos Pauzinhos*, de Adolpho Caminha).

PÁGINAS 218 e 219:
— Correspondência de escritores. Uma carta de Adolpho Caminha (autógrafo) a Félix Pacheco.
— *Um livro de Adolpho Caminha*, de Arthur Azevedo.
— *Tempo de leva*, de Adolpho Caminha.
— *O sentimento da bela e isto*, de Adolpho Caminha.
PÁGINA 220:
— *A arte e a moda*. (Trecho do estudo *Manuel e os Novos*), de Adolpho Caminha.
— *A vida em Fortaleza*, de Adolpho Caminha.
— *O Pacífico Público*, de Adolpho Caminha.
— *A arte deve ser nacional*, de Adolpho Caminha.
— *A moral do romance*, de Adolpho Caminha.
PÁGINA 221:
— *Poetas filicetas*, de Manuel Bandeira.
— *Médico, cientista e humanista*, de Gilberto Freyre.
— Correspondência de escritores. Autógrafo de uma carta do Conde de Sabugosa a João Ribeiro.
PÁGINA 222:
— *Uma poesia descoberta*, de João Ribeiro.
— *Em Meio*, conto de Marques Rebelo.
PÁGINA 223:
— *Uma que conta dos cofres*, de D. Medano.
— *Black-out*, de Abigail Renault.
— *Mão esquerda*, de Arthur Azevedo. Radiografia feita pelo Dr. Toledo Doudsworth.
PÁGINA 231:
— *Alumni de Guimarães*, N. 18 — Chico Preto.
— *A Rampa de Gachet*, de José Luis da Regoa.
— *Brasão*, de Haydée Nicolson.
— Correspondência de escritores. Uma carta de Alencar de Azevedo à sua mãe.

O romancista deve ser tipicamente brasileiro, com as suas qualidades e defeitos, e com o seu espírito industrial.

(Machado Lacerda)

POETAS BISSEXTOS -- Manuel Bandeira

Não procurem a expressão do biseixo, porque não a há. Pelo deliratório, biseixo só há um, e é o que há um dia a mais, e que ocorre de quatro em quatro anos. A biseixidade deve, pois, chamar-se aquela em cuja vida o poeta acontece como o dia 28 de fevereiro no ano civil. Em qualquer época possível. Em qualquer poeta biseixo a toda a hora. E não entra no estado de biseixo o fato em si.

Diz-se que não deveria escrever poemas divinos quando se é biseixo. No entanto, outro dia de fevereiro, eu, Vinícius de Moraes e Pedro Nave, a respeito da biseixidade, e de repente, cada grande poema meu e de Vinícius o Vinícius colocou o romance da Lucio Cardoso na cabeça dos poetas biseixos. Um assunto que tem um livro de poemas publicado e outro em via de publicação não pode absolutamente pertencer à classe. É o caso de Lucio Cardoso. Um poeta

pode publicar um livro e depois não publicar mais e não deixar de ser poeta. Alguns, verificadas depois que o Vinícius estava em contradição com o que escreveu no âmbito de setembro de 42, da revista argentina "Sur". Filando da poesia brasileira contemporânea escreveu o exemplo do cinema silencioso. Poetas que nos seus íntimos, eliminando totalmente de biseixos — poetas sem livros de poemas — biseixos pela ausência de sua produção, cuja existência em qualquer caso não é de fato dos mais citados. Poetas sem livros de poemas, biseixos pela ausência de sua produção: mas é a boa doutrina. É a exemplificação de Vinícius em "Sur" foi excelente. Vou transcrever, porque ela esclarecerá imediatamente o leitor sobre a questão: "Biseixo é um Pedro Dantas, cujo poema "A cachorra" passou a ser uma obra prima da literatura brasileira. O mesmo se pode dizer de "O defunto", de Pedro Nave, uma das pe-

ças mais belas e mais sinistras da nossa poesia. Biseixo é um Aníbal Machado, escritor esportivo, em quem o verso é uma espécie de estado de graça que aparece entre largos períodos de silêncio; um Dante Millano, notável pela unidade de sua forma poética, de grande pureza; um Joaquim Cardoso, cuja produção se refere à intimidade dos que lhe são mais chegados, tão íntima quer seja: um José Augusto, poeta que, se tem dez poemas, tem mil, mas em quem a poesia é uma facilidade de condimento. Bons poetas que futuramente figurarão, estou certo, ao lado da melhor poesia brasileira". De acordo, e dirijo apenas quanto à inclusão de Dante Millano. Millano escreve muito. Só que não publica os seus poemas, porque é "daráinho", como o chama o Ovalle. Mas eu nego que a circunstância de não publicar os poemas em livro ou em revistas e jornais seja característica essencial do biseixo. O essencial é a produção rara. Lembro ain-

da que Vinícius deixou de citar o mais biseixo dos nossos poetas — Rodrigo M. P. de Andrade, autor de um único poema, a famosa "Ode pessimista", que tanta discussão suscitou na roda dos colaboradores da "Revista do Brasil" (1926), onde foi publicada.

Uma coisa que tenho observado nos poetas biseixos é a pobreza dos temas, quase sempre reduzidos a dois apenas: o de certa dor nos acidentes passionais e o que Mario de Andrade chamou, com tanta felicidade, "tema da vida besta". O biseixo quando se embela por uma mulher que não pode ser dele faz verso na certa. Ou quando é luso-fuso na rua de Santa Rita e ele espera na fila o ônibus de Grajaú.

Outro problema de difícil solução é saber se o poeta biseixo tem pouco forte ou fraco. Isso só o Nave pode decidir: Nave é o biseixo em estado de pureza absoluta, e tem pouco fraco. Mas o Pedro Dantas é outro bis-

seixo não menos imprudente, e no entanto tem pouco fortíssimo. Talvez não haja nenhuma ligação entre os dois biseixos, hipótese que eu não admito, e entrego a multidão dos eruditos no assunto.

Quando um poeta biseixo faz um poema e acerta no ponto, deixa muitas vezes de escrever a obra, que então, pela sua excelência passa a ser atribuída a um nome glorioso. Na poesia castilhana a celebre "Fuero moral a Fábila" tem sido atribuída a vários poetas: Argensola, Francisco de Rojas, Medrano, etc. Pode muito bem ter sido obra de algum biseixo. Talvez seja também o caso do famoso soneto "A Cruz crucificada". Soneto que eu traduzo assim:

Não me mude, meu Deus, para
levar-te
O céu que de ti tenho prometido:
E nem me mude o inferno (já
temido)
Para deixar por isso de ofen-
der-te.

CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES AUTOGRAFO DE UMA CARTA DO CONDE DE SABUGOSA A JOÃO RIBEIRO

Para João Ribeiro
28 de Junho 1771
M. de S. Sabugosa

Vendo vossa benevolência
com o seu tempo me
temo ter-lhe fague de elle
um sentido.

Tenho-me de seguir a
vossa a fustas claudas
nao creio a Hetera de
Joviano de sua obra Vaso
Tenueles lesos e Merges
he foi. V. de Rei de 1771
de 1771 o de 1775.

Sei muito de vossa ager
os vossos que a fustas
Cham. B. de claudas de
de vossa de vossa de
de vossa de vossa de
de vossa de vossa de
de vossa de vossa de
de vossa de vossa de
de vossa de vossa de

permanecer por mais um tempo
e vossa de vossa de
de vossa de vossa de

permanecer por mais um tempo
de vossa de vossa de

permanecer por mais um tempo
de vossa de vossa de

permanecer por mais um tempo
de vossa de vossa de

permanecer por mais um tempo
de vossa de vossa de

permanecer por mais um tempo
de vossa de vossa de

permanecer por mais um tempo
de vossa de vossa de

Tu me mude, Senhor, mere-me
lo ver-te
Creando nome cruz e exarce-
lente,
Mere-me no teu corpo tão ferido
Ver o suor de agonia que ele
teve.

Mere-me ao teu amor de tal
maneira,
Que a não haver o céu não
te amara
E a não haver o inferno te te-
nha.

Nada me tem que dar porque te
agradeço,
Que se o que uso espera não
espera,
O mesmo que quero te quise.

Essa maravilha já foi atribuída a Santa Teresa, a Frei Pedro de los Reyes, a S. Francisco Xavier, e até a Santo Inácio de Loyola. Pouché-Delbos opõe objeções muito bem fundadas a todas essas hipóteses. Para mim, anda aí mão de biseixo.

Quando cometi a examinar o caso das "Cartas claudas", foi com a idéia preconcebida de que podia ser obra de algum biseixo. Nunca ardeci o pensamento de certos críticos, a saber: em Minas, no fim do século XVII, não havia quem tivesse escrito os versos de vossa de vossa de grupo de Claudas, Gonçalo e Alvarado de vossa de vossa de. Essa gente não sabe de que se trata um biseixo em seu poema. Só me convenci de que as cartas não eram de nenhum biseixo e não de claudas, diante das peripetias da história e das provas de uma natureza apresentada por Frei Camilo de Oliveira e Almeida de Melo Franco. Para vossa de, também biseixo, diga-se de passagem.

MÉDICO, CIENTISTA E HUMANISTA

GILBERTO FREYRE.
Em Antônio da Silva Melo o médico é completado pelo humanista, e este pelo humanista. Se eu fosse diretor da Alvorada ou chefe do Rei de Passagem, era a Silva Melo ou a Riquelme Lima que eu teria a direção de um Departamento que se intitulasse de Antropologia e de Cultura e se destinasse não só ao estudo científico da gente de Minas ou de Passagem — do seu físico e da sua cultura — e ao religião com o meio e com as relações humanas e físicas — como à orientação de sua vida, de sua alimentação, de seu sono.
O novo Barão de Silva Melo
(Continua na pág. 223)

ALBUM DE GUIGNARD



N.º 18 — OURO PRETO

A ROMA DE GOETHE

José Lins do Rego

EM 1.º de dezembro de 1789 chegava Goethe a Roma. Ele tinha atravessado o Tirol, subido o Brenner, visto mesmo Brenner, canto dos colímbios, soustros do fascismo, vinda atrás do sul mediterrâneo, da sua vida de nórdico. Já vira Veneza, Bolonha, Pádua, Verona, Palladio; dera toda a medida do que pode o criador tirar do mundo como substância para a época moderna. O alemão de Weimar queria Roma. Logo na minha tradução francesa: "C'est donc demain au soir que je serai à Rome, j'ose à peine le croire. Et quand ce souhait de toute ma vie sera accompli, que pourrai-je souhaiter encore?"

O que mais poderia desejar Goethe, depois de chegar a Roma, que ele sentia como o centro do mundo? A Igreja de S. Pedro lhe dá a segurança de uma verdade que sempre andava a hesitar: "L'art et la nature peuvent s'élever au-dessus de toutes les proportions humaines, sans sortir des limites du vrai beau."

Em Itália, o poeta encontrava esta "verdadeiro belo". Antes de chegar aos quarenta anos Goethe vai vencer o seu demônio interior. E na Itália que se torna o próprio Goethe: "Je ne suis pas ici pour être heureux à ma façon, mais pour m'accomplir au grand."

Werther morrera, definitivamente, naquele dia de dezembro de 1789: "L'histoire du monde entier se rattache à cette date, et le jour où j'y suis arrivé pour la première fois est pour moi un second jour de naissance." Nascia, de fato, outro Goethe, do outro: todos os ruidos da florista negra se embargavam no perfume da natureza romana: "On ne s'aperçoit plus ici l'hiver, les jardins sont remplis de fleurs, le soleil est chaud, et on ne voit de la neige que bien loin sur la haute des montagnes; les oranges mûrissent, les figes et les dattes, tout d'un coup."

Como, três nous dans les caisses, ils croissent en pleine terre et forment de longues avenues." A terra florida da Itália completara a formação do gênio mais universal da Alemanha. Lá Goethe seria a síntese da humanidade que foi, como fora Shakespeare, como fora Montaigne. A Alemanha, que nunca chegara a compreender Roma, tivera afinal, o seu caminho aberto para a salvação, para o equilíbrio de suas forças agitadas. Goethe nascera em Roma, outra vez, para testemunhar que só a luz do Mediterrâneo poderia dissolver os gelos de sua alma. Pois bem, o fascismo quis fazer para Itália uma viagem, a Alemanha, dos deuses bárbaros. A besta que a sabedoria gottiana havia domado criava de novo força de fera, as soltas. O nazismo é o silêncio contra Goethe, e aquele mesmo que odiava as pedras de Palladio, que tinha deuses entrecapados para adorar. Quando Mussolini se ligou a Alemanha do nazismo, ele quis vender a alma do seu povo ao diabo.

Goethe, chegando a Roma, nascia, criava outra alma que lhe seria a sua alma, verdadeiramente eterna. O fascismo, porém, queria a outra eternidade: a eternidade que está no inferno.

A Itália tinha para dar ao mundo um espírito de fraternidade, acima de estreitos nacionalismos que são mais doença que saúde. A Itália punha-se a serviço do homem. Lá uma loba dera leite para alimento da espécie humana. E os animais de dentes devoradores se amansaram ao canto do poeta Francisco. Mussolini, que conduziu o seu povo para a viagem à floresta negra, pretendia, também, desviar os lobos que o santo amansara. Nunca um político pretendeu romper com as tradições como este que falava do passado com tanta insistência. O conde Strozzi se refere a este erro monstruoso do fascismo, para nos afirmar que o povo italiano está separado do

BRUXARIA

Em que amor presidio eu fui
a minha dor enterrar:
nem lua ou sol de alvorada,
nas grades do meu cismar.
Estou perdida numa ilha,
uma ilha sem rio nem mar.
Para que nos conhecemos ?
Só ouço em torno assovios
ou silêncios assombrados,
murando em cacos de vidro
meus roteiros fracassados.
Bem vi que eras bruxo, orgulho,
reinando em tão ermas fragas,
onde nem chega o meu pranto
na blasfêmia de uma praga.

HAYDEE NICOLUSSI

Senhor ! Dai-me silêncios sábios
ou canções de bons augúrios.
Dai-me gestos estelares,
que iluminem o céu escuro.

Na penumbra do meu sonho,
desatei fontes de beijos
e abri clareiras de mata,
para dar pouso a este amor.

E ele passou tão distante,
tão ilhado em sua mágia,
que eu tive a impressão de um eclipse
apagando no meu peito
miragens de luar nuns galhos
senhados sobre a água...

CORRESPONDENCIA DE ESCRITORES

UMA CARTA DE ALVARES DE AZEVEDO A SUA MÃE

S. Paulo, 30 de Maio de 1851.
Minha Mãe,
Sinto os seus incômodos de casa mas vão-se os anos e ficam-se os dedos. Todos os factos presentes, passados e futuros não valem a pena que minha Mãe os incomode.
Estimei a sua recepção em S. Cristóvão.
Li a carta com afeição, mas minha esperança foi iludida. Pois na verdade S. S. M. M. não me mandaram nem uma lembrança?

Li a desdita do sábado do Ignacinho.

É mais uma saudade que me acrescentam as antigas saudades de não ter podido estar lá. Não me mande dizer o que Sinhá cantou porque se foi.

Il va venir le Sultan que j'adore
La nuit, la nuit entière
Pensez à moi, pensez à moi

declarou-me inconsolável e pôno luto por oito dias. Agora tenho de abandonar as minhas saudades para responder-lhe a uma encomenda: deixei a Si-

nha para falar-lhe em nome de papagaio. Minha Mãe se en- gana quando diz que eu não escrevi que tinha um papagaio e arára, fole antes, papagaio, trício, mandei-lhe, disse que estou à espera de uma carta prometida de Magimiro. Se quiser uma falante e cantante, mas erga de um olho, não outra que reúne as duas, sempre ras qualidades uma só, quer brada, com maior facilidade, irá tudo isso. A tal carta, que eu apenas uns 125 rs. — faça ideia se não fosse outra.

Admira-me que se mande buscar água à Praia Grande, quando se mora na cidade, e que se mandem ver aqui e acolá, quando se mande dizer o que mais facilmente se obtém no Rio.

Tenho o papagaio. Tu Joa- quim m'o deu como um verdadeiro enciclopédico. É verdade, e além de morder, não lhe descobri por ora outra habilidade mais saliente.

Adem, minha Mãe, ligo sua benção sobre sua filha de c. MANUEL ANTONIO.